

ESTÁGIO CURRICULAR: UMA EXPERIÊNCIA COM AS ATIVIDADES ESPORTIVAS ADAPTADAS

Marcos Vinícios Gonçalves de Souza.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul, Brasil.

marcosvgsouza@gmail.com

Resumo: Este artigo apresentou o dia a dia da disciplina de Educação Física em uma das instituições escolares onde acontece um dos estágios curriculares obrigatórios do curso de formação em licenciatura em educação física da UFRGS, e narrou as percepções de um estudante de graduação a partir de suas experiências no ambiente escolar, que em muitos casos representa seu primeiro contato antes de entrar para o mercado de trabalho como profissional da área. Para ilustrar as práticas e as experiências vividas, foram utilizados relatos registrados nos diários de campo ao longo das onze aulas ministradas, além dos planos de aula elaborados para a realização das práticas ao longo do estágio obrigatório.

Palavras-chave: esportes adaptados, jogos adaptados, estágio curricular, Educação Física escolar, formação do cidadão.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se estabelece a partir da temática de um relato de experiência originado na prática do estágio de licenciatura em educação física como obrigatoriedade do curso de formação inicial de professores.

A formação inicial em educação física, na legislação brasileira, é pautada pela habilitação em licenciatura, que tem como guia a resolução CNE/CP nº2, de 19 de fevereiro de 2002 (Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica ao Nível Superior.) que esclarece:

“Art. 1º A carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, ao nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, será efetivada mediante a integralização de, no mínimo, 2.800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garanta, nos termos dos seus projetos pedagógicos...”, sendo “II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso.” (Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002)

O estágio obrigatório é a etapa em que o acadêmico busca associar todos os conhecimentos adquiridos ao longo da formação inicial, no contexto da matriz curricular do curso, em disciplinas e experiências, e que se finda na prática do estágio, momento em que ele coloca seus conhecimentos em campo.

Neste sentido, este relato se pauta na experiência do estágio curricular realizado em uma escola pública estadual de ensino fundamental na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, com a turma do 5º ano que buscou analisar a prática pedagógica ao longo do período de 24 de maio de 2023 a 30 de agosto de 2023, no qual foram realizadas 11 aulas sob minha regência.

Considerando que a partir de 1996, a Educação Física se torna Componente Curricular Obrigatório e que, logo em seguida, foram criados os (PCN's) Parâmetros Curriculares Nacionais a (EF) Educação Física, utilizei esses

documentos para nortear o planejamento e elaboração das aulas, buscando inserir os critérios específicos pontuados para o segmento que atuei.

O estágio se propôs a desenvolver a temática dos jogos adaptados de acordo com Batista (2019) que defende que os princípios que norteiam a educação física escolar incluem: o Princípio da Inclusão (em que os objetivos, conteúdos, processo de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno a na cultura corporal do movimento, buscando reflexões concretas e objetivas, além de, reverter o quadro historicamente consolidado de divisão entre aptos e inaptos, que sempre primou pela super valorização da excelência); e o Princípio da Diversidade (visando ampliar a relação entre o conhecimento corporal da cultura do movimento e os sujeitos de aprendizagem, legitimando as possibilidades de aprendizagem estabelecidas ao considerar as dimensões afetiva, cognitiva, motoras e socioculturais).

Nesse sentido, Strapasson (2007) conceitua os jogos adaptados como sendo aqueles esportes que oportunizam para todos a participação em atividades da aula de EF, que muitas vezes se tornam práticas inviáveis para os alunos que possuem algum tipo de deficiência. Os jogos adaptados servem como instrumento para oportunizar um igual desenvolvimento para todos, permitindo que alunos com deficiência consigam se desenvolver e aprender, respeitando as diferentes realidades e necessidades presentes no contexto escolar.

Durante as aulas ministradas, o principal problema observado foi relacionado as relações sociais do grupo, como, por exemplo, a dificuldade de se colocarem no lugar uns dos outros, pois por diversas vezes os alunos objetivavam a excelência por terem a visão do esporte de alto rendimento, essas situações culminavam na exclusão (algumas vezes diretas e outras vezes indiretas) de um ou mais colegas, desmotivando-os da realização das aulas.

METODOLOGIA

A abordagem utilizada foi a Descritiva/Qualitativa, entendendo, conforme Gaya (2016), que as pesquisas descritivas, tem por objetivo descrever um fenômeno, deixando evidente o comportamento de uma variável, ao mesmo tempo, utilizando uma abordagem qualitativa que tem o papel de utilizar técnicas para observar o fenômeno de forma mais ampla utilizando instrumentos como: estudo de caso, etnografia, narrativa, etc. Ela seleciona as variáveis a serem descritas e tentam intervir em seus efeitos, preocupando-se em descrever com a maior fidelidade os trechos da realidade observada.

Nessa perspectiva, estágio foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Duque de Caxias, que possui um grande espaço aberto para a prática da Educação Física. No local haviam duas goleiras sem rede, em outro ponto uma rede de vôlei e por fim uma antiga quadra de basquete sem as tabelas e cestas. Além disso, a escola também possuía uma sala de jogos com boas opções de jogos, tais como Ping-pong, Fla-Flu, Jogos de tabuleiro, etc.

A turma com a qual trabalhei foi o 5º ano que possuía 19 alunos, sendo 11 meninas e 12 meninos, com idades entre 10 e 11 anos. O grupo gostava muito de praticar voleibol e futebol, durante os momentos livres, possuíam boa relação quando meninos e meninas trabalhavam separadamente, o que não acontecia em jogos entre todos, porém tinham um bom convívio e relações bem estabelecidas socialmente.

O estágio propunha oportunizar e despertar nos alunos um olhar social perante as situações de diferenças físicas entre as pessoas, e ajudá-los a entender a importância de inclusão de todos no esporte, independentemente de condição social, cognitiva, física e de gênero. O período do estágio previa um número total de doze aulas, porém houveram situações climáticas que impediram a prática na escola, sendo realizadas somente onze aulas.

O processo de estágio foi se construindo semana a semana, com as aulas planejadas e pensadas conforme o plano de trabalho. Após cada aula foi redigido um relatório com o intuito de observar novamente a aula via uma perspectiva analítica, enxergando o que deu certo, o que não deu certo e as estratégias

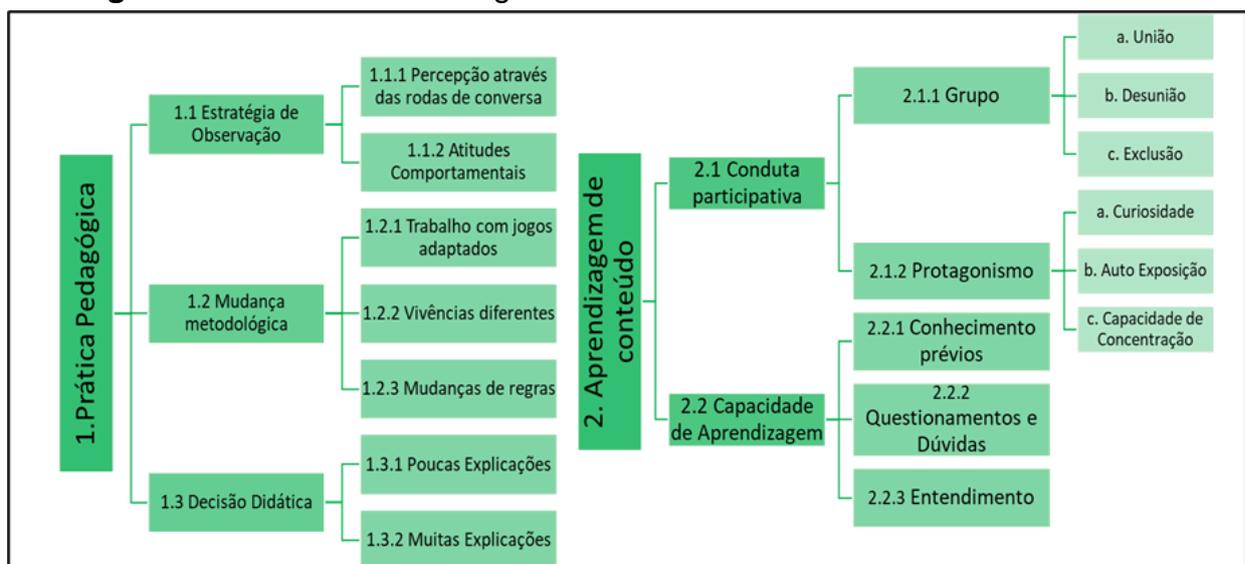
abordadas. Somada a isso, ocorreram reuniões com a professora orientadora para pensar o caminho mais lógico a se seguir nas aulas posteriores, juntando assim elementos que agregassem ao plano de trabalho como: mudança de regras, linguagem usada com os alunos, continuidade ao invés de troca de atividade, o que contribuiu para uma aula mais assertiva.

As atividades foram elaboradas visando explorar uma limitação física e seus aspectos a cada semana, e, dependendo das observações feitas e dos diálogos com os alunos era realizado um replanejamento da maneira como a atividade seguiria na semana seguinte, analisando as dificuldades e facilidades dos alunos durante as práticas.

Os dados aqui apresentados, foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin (2016), que se utiliza de instrumentos metodológicos diversificados para observar e analisar dados cifrados, realizando a sua extração e tradução baseados na dedução de quem os extrai, analisando-os durante uma releitura, evidenciando itens pertinentes a sua investigação, podendo assim apresentar tais dados a um leigo, que durante uma leitura normal talvez não identificasse tais pontos.

Foram trabalhadas duas categorias que se dividiram em diversas subcategorias, conforme apresentado na figura 1.

Figura 1 - Estrutura das categorias analisadas.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Tendo extraído tais categorias e as organizando, utilizei o método de Bardin para evidenciar alguns aspectos e explicá-los ao longo deste trabalho.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Os dados que passam aqui a serem apresentados foram analisados a partir dos princípios da análise de conteúdo, sendo que a cada categoria evidenciada foram revelados os seus significados, à exemplificação da experiência vivida nas aulas ministradas e os conceitos teóricos que fundamentam as ideias a partir do olhar dos autores.

Sendo assim, a partir da coleta dos dados da investigação foi possível identificar duas categorias de análise: A Prática Pedagógica e a Aprendizagens de Conhecimento. Na Prática Pedagógica os dados analisados se organizam a partir de três subcategorias: Estratégia de Observação, Mudança Metodológica e Decisão Didática. Nas Aprendizagens de Conhecimento foram identificadas duas subcategorias: Conduta Participativa e Capacidade de Aprendizagem.

A primeira categoria que passo a analisar se refere à prática pedagógica, sendo que o primeiro aspecto evidenciado é a estratégia de observação. Neste item, destaco os aspectos: atitudes comportamentais em modalidades esportivas diferentes, e a percepção da atividade através da roda de conversa.

Para discutir a primeira subcategoria, que se refere ao processo de observação, me utilizei de um conceito apresentado por Mendes (2012) que afirma que, a observação é mais do que somente olhar o que os alunos realizam, mas envolve também entender que as expectativas daquele que observa estão postas nessa ação, o que influencia formulação de hipóteses, confirmações do que se esperava ver, para assim utilizar possibilidades possíveis ao elaborar as aulas.

Como estratégia para observar as ações concretas dos alunos, fiz uso de dois esportes: vôlei e futebol. Com intuito de melhor compreender os comportamentos e expectativas desses alunos, percebi que ao realizarem uma modalidade conhecida se mostram mais cooperativos, o que pode estar vinculado ao gosto pela

prática desta modalidade; enquanto em outras, não comum a eles, desencadeava em muitos estudantes a não colaboração, além de comportamentos que atrapalhavam a aula, por não sentirem prazer em realizá-la.

Essas atitudes me ajudaram a perceber que o comportamento dos alunos talvez esteja relacionado a uma prática culturalmente vivida durante sua trajetória escolar, isto é, quando os mesmos conteúdos são repetidos ano após ano. No entanto, se essas aulas fossem feitas da mesma maneira tradicionalmente vista em muitas escolas, utilizando somente vôlei, futebol, basquete e handebol, seus comportamentos se mantivessem inalterados, como mostra o trecho a seguir.

“... durante o jogo de futebol, todos os meninos jogaram e algumas meninas não, porém as meninas que participaram, se mostraram dispostas assim como os meninos, para potencializar a participação das meninas foi imposto que, gol só poderia ser marcados após serem feitos seis passes entre alunos que ainda não tivessem tocado na bola, alguns meninos ficaram insatisfeitos com a regra, mas ainda assim o fizeram, quando realizamos o Vôlei, boa parte das meninas participou e os meninos não quiseram fazer a aula, mas ainda assim estavam em quadra, porém não realizavam as jogadas e não faziam questão de passar a bola, as meninas se frustraram muito, pois haviam participado do futebol sem reclamar e na hora de realizarem uma atividade que gostavam mais, seus colegas não colaboraram.”(vivências p.1, Aula 1, parágrafo.6)

É possível perceber que no exemplo acima mostrado, há situações conflituosas que resultam em insatisfação para um grupo ou outro. Por mais que a educação física tenha um papel de auxiliar no desenvolvimento motor dos alunos, ela também tem o papel de educá-los para situações da realidade. É importante que os alunos vivenciem situações que nem sempre lhes agradarão, como acontece no mundo real, tornando-os assim mais conscientes e tolerantes a certas situações.

“A pedagogia do esporte na escola tem como foco principal o esporte que possibilite ao aluno incorporar conhecimentos para a vida através da vivência em ambiente de jogo, sendo este significativo, imprevisível, complexo e cooperativo.” (MOREIRA, 2017, p.8)

Para concluir este tema, que trata das estratégias de observação, abordo um item que utilizei durante a execução e elaboração das aulas, o qual foi a participação através das rodas de conversa para a troca de opiniões com os alunos.

Figueredo (2012) afirma que as rodas de conversa auxiliam em discussões a respeito de determinado tema, neste caso específico foram as aulas desenvolvidas, oportunizando que os alunos opinassem sobre seus pontos de vista, mesmo que esses fossem discordantes dos de seus colegas em alguns momentos, mas isso permitiu uma reflexão entre eles, permitindo que repensem suas opiniões, utilizando o pensamento coletivo.

Quando iniciei a elaboração dos planos de aula e ao executá-los, percebi que o entendimento do conteúdo pelos alunos acontecia com mais clareza quando eram utilizadas rodas de conversa que oportunizavam o relato sobre o que estavam entendendo e o que tinham a necessidade de entender, como: “qual o objetivo do jogo?”, “Por que se joga dessa forma?”.

A possibilidade de os alunos exporem suas ideias e pontos de vista em uma conversa aberta e direta me oportunizou acesso a informações relevantes para o planejamento das aulas, o que contribuiu mais do que meramente seguir um cronograma previamente elaborado por mim, conforme exemplificado no relato abaixo.

“... quando questionados sobre suas vivências em âmbito familiar ou comunitário com pessoas que apresentassem algum tipo de deficiência visual, duas alunas relataram que viviam com avós que não enxergavam, pois tinham catarata ou algo do tipo, outro aluno relatou que tinha um vizinho que era cego. Isso os fez querer saber mais sobre os tipos de deficiência visual e como essas pessoas realizavam esportes, os tornando mais interessados e atentos às minhas explicações.” (Vivências, p.4, aula 3, parágrafo.5)

Durante o período de observação inicial e de reconhecimento da escola, não ministrei as aulas na turma, mas realizei observações e conversas com os alunos. A partir disso, na primeira aula que ministrei, percebi que trabalhar práticas que eles já realizavam diariamente, não causaria o aprendizado que achava necessário alcançar (respeito ao seu semelhante, respeito as diferenças e colocar-se no lugar

do outro). Assim, identifiquei a necessidade de troca de tema, passando a utilizar a ideia dos esportes/atividades adaptadas.

Ao observá-los em aula e no decorrer de outras conversas, notei a necessidade de mostrar-lhes visões diferentes dos esportes tradicionais apresentando as perspectivas de deficientes físicos, o que talvez ainda não tivessem tido a oportunidade de explorar, como: atletismo para deficientes, jogos adaptados e experiências sensoriais sem o sentido da visão.

Para tratar de tais assuntos, optei por realizar uma mudança de metodologia. Como já havia pensado em trabalhar jogos tradicionais achando que seria um caminho seguro e eficiente, as observações me fizeram repensar e mudar o que já havia pré-concebido para eles, que era trabalhar com o “quarteto fantástico: Futebol, Vôlei, Basquete e Handebol”.

Com a mudança de conteúdo e metodologia, a minha ideia foi trabalhar com jogos adaptados, despertando-lhes assim o olhar mais atento para a participação das atividades em grupo, olhando para as diferenças e dificuldades dos seus semelhantes e dando chance para que seus colegas pudessem participar das aulas, como é exposto a seguir.

“... durante a atividade de corrida guiada por um barbante com tapa olhos, alguns alunos demoravam um tempo maior para realizar o percurso, um daqueles que estavam somente interessados no objetivo final de ganhar a corrida, proferiu uma ofensa ao seu colega que estava mais devagar, isso causou um mal-estar entre alguns alunos que saíram em defesa do colega, mesmo assim aqueles que se sentiram de certa forma atingidos pela ofensa se desestimularam a participar da prática.” (Diário de campo, p.3, aula 2, parag.5)

Antico (2018) expõe que a educação física por ser uma disciplina obrigatória e que trabalha com ações corporais, ao contrário de outras matérias, acaba por incitar, provocar e estimular a participação dos alunos e em muitos momentos esta participação faz ebulir emoções mais intensas, não sendo incomum observarmos discussões e brigas entre os alunos. O professor, como figura condutora das aulas, deve mediar essas situações para a dissolução desses conflitos, estimulando o diálogo.

Por adotar tal mudança metodológica, o trabalho com jogos adaptados visava mais do que simplesmente ensiná-los sobre uma maneira de praticar esportes tendo algum tipo de deficiência, mas sim fazê-los olhar para seus semelhantes de maneira igual, entender que, assim como eu tenho o direito a prática, o outro também o possui, o que implica a necessidade de desenvolver uma relação de respeito mútuo. O trecho abaixo esclarece a necessidade de trabalhar nesse sentido a Educação Física Escolar.

“... durante a aula prática de corrida para cegos, onde a atividade consistia em correr vendado guiando-se somente por meio de um barbante, os alunos ficaram muito empolgados para realizar o máximo de vezes possíveis o percurso, porém em alguns momentos a atividade demorava mais para ser realizada por um aluno ou outro, e um dos alunos xingou outro por estar demorando demais para ir e voltar. Esses xingamentos logo foram repreendidos pelos demais colegas, no entanto, o aluno ofendido se desmotivou a participar da aula.” (Vivências, aula2, p.3, parágrafo.5)

Mulinari (2022) afirma que, inicialmente, os esportes adaptados estavam fortemente ligados a reabilitação e cuidados pessoais, principalmente no período pós-guerra, trazendo consigo essencialmente um vínculo muito forte com a competitividade, mas seu papel fundamental era oportunizar a recreação e socialização. Nesse contexto, emerge a ideia de que mais importante do que a competição, era o direito à inclusão e participação na sociedade, mesmo que o esporte ainda possuísse sua origem competitiva.

Para mostrar-lhes as possibilidades e habilidades de seu corpo, trabalhei com eles um tópico que chamei de “Vivências diferentes”, que incluíram atividades como: corridas com guias, corridas utilizando uma corda onde se guiariam, interpretação e criação por sons. Essas atividades fugiam de uma simples prática e foram realizadas em um número significativo de aulas. Uma dessas práticas ficou marcada por exigir que eles utilizassem um sentido menos exigido durante os jogos, como relata o trecho abaixo:

“... na aula de hoje os alunos puderam experimentar uma atividade que exigiu de sua capacidade auditiva, ao ouvirem um trecho do filme ‘O Rei Leão’ narrado para deficientes visuais, eles deveriam montar em suas mentes cada cenário utilizando somente a narração, muitos deles conseguiram me relatar o que havia

nas cenas narradas, como: ”, ”... os antílopes, os pássaros voando, o córrego que fazia ondas, etc.””, enquanto outros colegas não foram capazes de expressar o que ouviram, mesmo me dizendo que entenderam as cenas relatadas.”(Vivências, aula3, p.4, parágrafo.4)

Araújo (2022) exemplifica que a utilização da temática ‘Esportes Adaptados’ na Educação Física pode e deve ser utilizada para evidenciar o contexto cultural e social de vida das pessoas com deficiência, afirmando que cabe ao professor utilizar estudos que evidenciem para seu aluno que a adaptação não é meramente mostrar impossibilidade de participação, mas sim uma forma de garanti-la. A utilização dessa temática nas aulas visa principalmente desenvolver uma visão crítica sobre a sociedade, entendendo que cada ser humano tem uma maneira de entender, perceber e interagir com o mesmo mundo, nem pior, nem melhor, apenas diferente.

Um tema que funcionou bem dentro da mudança metodológica foi a alteração das regras durante a introdução das atividades e muitas vezes ao longo de todo seu desenvolvimento, cujo objetivo foi facilitar o entendimento do jogo, utilizando uma progressão mais lenta o que favoreceu a participação de todos sem que se sentissem expostos por não acompanhar o mesmo ritmo de entendimento e/ou aprendizagem dos seus colegas, como expressa a vivência do dia 02 de agosto de 2023.

“... durante a realização da aula de vôlei sentado no hoje, eles tiveram a oportunidade de jogar sentados da maneira conforme realizado no jogo oficial, no entanto, para que o jogo pudesse ocorrer de maneira a oportunizar que todos participassem, quando a bola era passada de uma quadra para outra eles poderiam segurá-la em mãos antes de continuar a jogada, decidindo assim, passar para o colega de time e realizando um número maior de passes antes de atacar.” (Vivências, aula7, p.10, paragrafo.9)

Bezerra (2010) evidencia que é possível se utilizar de diversas estratégias para o ensino da Educação Física, dentre elas podemos incluir a mudança das regras quando o professor achar necessário, o que pode propiciar a participação de todos os alunos, independente do conteúdo da aula. Estas estratégias devem ir em direção a uma prática inclusiva na escola.

Um aspecto importante dentro da prática pedagógica foi a decisão didática, pois observei que durante algumas aulas eles não entendiam o que era explicado e/ou ensinado, o que me fez pensar em estratégias para realizar as aulas.

Este tópico foi desenvolvido sobre dois pilares: Poucas Explicações e Muitas explicações. A cada conteúdo novo, dependendo da dinâmica ou complexidade da tarefa, eram exigidas mais ou menos explicações, que serão demonstradas nos parágrafos que seguem.

Quando realizei com eles aulas que partiam direto para a prática, ganhava a oportunidade de fazê-los participar com mais liberdade e disposição, pois não os sobrecarregava com informações demais, o que poderia causar desinteresse pelo assunto. Então o jogo aberto oportunizava mais a vivência sem se preocupar com as regras tão profundamente.

Castellani (2014) diz que a educação física basicamente se utiliza de três atividades produtivas, sendo elas linguagens que incluem: expressões faciais, beijos como afetividade, crenças, movimento de mãos para comunicação de surdos. Além disso, também temos o trabalho para movimentos sistematizados, tais como, jogo, ginástica, esportes, lutas e Poder (que representa: Disputa, Força física que se representam em lutas).

Essas atividades estão unidas ao longo da história humana e representam a prática e a execução da educação física. Sendo vivências importantes a serem desenvolvidas sem necessitar explicações, que foram evoluindo e se construindo assim.

“... como já havíamos tido em muitas aulas a presença da chuva, optei por iniciar a aula de hoje com uma breve explicação do jogo e logo fomos para a quadra, havia demarcado previamente os seis lugares em quadra e cada um ocuparia algum. Eles iniciaram o jogo conforme conheciam, e aos poucos eu lhes explicava o passo a passo no decorrer da atividade, explicando como funcionava a rotação e regras de ataque e estratégias defensivas.” (Vivências, aula 7, p.10, parágrafo.5)

Mas a prática sem informações suficientes não oportunizava a compreensão de todo aspecto do jogo, pois lhes faltavam informações importantes como:

posicionamento, regras básicas e como se portar taticamente. Então, foi necessário realizar uma aula que abrangesse esses conteúdos mais profundamente.

Castellani (2014) ressalta que por não serem tratados separadamente, conceitos de Linguagem, Trabalho e Poder devem ser passados para os alunos desde suas origens, para que eles entendam a construção histórica da humanidade, sendo ela mutável e infundável, tornando-os assim conhecedores dos fatos e conceitos, oportunizando que eles se tornem produtores de atividades corporais que podem ser institucionalizadas.

Sendo assim, não basta somente ensinar a prática sem oportunizar que esse mesmo aluno se aprofunde nos conhecimentos teóricos e esclareça suas dúvidas.

“... hoje lhes expliquei aspectos técnicos do jogo de vôlei, oportunizando que eles relembassem o que já haviam realizado durante o jogo. Muitos deles lembraram e questionaram algumas coisas feitas no jogo, como: “Por que, se estou atrás, não posso ir à rede atacar?” ou “Por que há troca de passes entre colegas de time?”. Após eu explicar que cada um tinha uma função a ser desenvolvida como: Atacar, defender, sacar e bloquear, a lógica do jogo fez mais sentido, a aula teórica trouxe explicações que os ajudaram no desenvolvimento da prática, pois já eram capazes de visualizar todas essas regrinhas no jogo.” (Vivências, aula8, p.11, parágrafo.5)

Estratégias como rodas de conversa, jogos adaptados e mudança de regras, são algumas das que foram utilizadas e fizeram parte da elaboração da prática pedagógica e conforme eu percebia uma maior necessidade, optava em alguns momentos por utilizar uma ou outra para otimizar a aprendizagem dos alunos. Jogo era a maneira mais eficaz de lhes mostrar o objetivo, exigindo assim menos explicações.

Porém, em determinados momentos e oportunidades, explicações mais teóricas eram necessárias para que o conteúdo pudesse ser ensinado, permitindo a apropriação de cada um dos esportes apresentados a eles.

No que diz respeito à categoria ‘Prática Pedagógica’, diversos elementos foram utilizados para sua elaboração e execução, cada um deles teve um papel importante como uma engrenagem, pois como um se somava ao outro, isso auxiliou de maneira muito eficaz em diversos momentos das aulas.

As estratégias de observação, mudança metodológica e decisão didática estiveram presentes em muitos momentos, uma permeando a outra, seja antes do planejamento ou no decorrer dele, para auxiliar ou somar no seu desenvolvimento.

No que tange à aprendizagem dos alunos, duas subcategorias são evidenciadas, sendo elas: a Conduta Social e a Capacidade de Aprendizagem. À primeira vista, durante as aulas, me pareceu que as relações que eles construíam com seus colegas influenciavam no interesse em participar da aula. Se a relação fosse boa, eles se empenhavam, participavam e compreendiam, mas se a relação fosse ruim isso não ocorria com facilidade.

A primeira subcategoria analisada diz respeito à conduta social dos alunos que se dividiu em diversas partes conforme as aulas foram acontecendo. Nessa subcategoria, separei os aprendizados em dois itens importantes na maior parte das aulas, e foram eles: O Grupo e Protagonismo.

Em relação ao grupo, em alguns momentos de aula ficaram evidentes situações em que havia entre os alunos uma boa união, mas também aconteciam momentos de desunião e exclusão de alguns membros específicos. Esses eventos ocorriam de maneira mais acentuada quando um aluno tinha maior afinidade por uma atividade ou por um determinado colega do que pelos demais, o que causava exclusão e desmotivava a participação de alguns estudantes das atividades.

O papel do professor durante as aulas de educação física passa tanto pelo ato de ajudar o seu aluno a conhecer-se fisicamente, aprimorando e/ou desenvolvendo suas capacidades físicas, quanto em auxiliar e orientar os mesmos a saberem se portar com seus semelhantes, agindo assim com respeito ao próximo e realizando seu papel de cidadão do bem, seja se corrigindo ou corrigindo seus semelhantes.

[...] Gostamos de refletir o esporte através destas lentes, pois redimensionam o foco, revelando que em qualquer prática esportiva há, para além de movimentos mecanizados, seres humanos se movimentando intencionalmente em busca de sua própria transcendência, atribuindo a todo novo lance novos significados, através do esporte, às suas vidas[...] [...] o esporte ensinado na escola deve propiciar aos alunos a capacidade de autocrítica além da preocupação com o desenvolvimento do repertório motor.[...] (MOREIRA, 2017, p.6)

União: "... durante a corrida para cegos onde eles estavam se guiando pelo barbante para realizar o percurso, um menino ofendeu seu colega o chamando de 'lerdo', antes mesmo que eu pudesse intervir, outros colegas o repreenderam dizendo para ele: Você deve respeitá-lo, pois não é assim que se trata ninguém, você não gostaria de ser chamado assim né!, muitos colegas apoiou a fala e o aluno que ofendeu se colega se desculpou." (Vivências, p.3, aula 2, parag.7)

Ao tratar de desunião, percebi que ela normalmente acaba ocorrendo quando um grupo se sente contrariado ou forçado a realizar uma atividade que não gosta tanto. Meu papel como professor vai além de simplesmente lhes ensinar uma modalidade, mas sim ajudá-los a se desenvolverem como seres humanos conscientes de seus deveres e responsabilidades.

Desunião: "... durante nossa aula de hoje, os alunos realizaram o jogo de futebol com todos jogando, porém, quando mudamos para o vôlei, os meninos não colaboraram com o jogo e as meninas não gostaram dessa atitude, eles ficaram argumentando por algum tempo sobre quem tinha razão ou não, não conseguindo chegar a um consenso, cada grupo ficou para um lado da quadra ser querer interagirem entre si." (Vivências, p.1, aula 1, parag.9)

Antico (2018) afirma que a educação física, sendo uma disciplina assim como outras, tem um papel educativo a desenvolver, tratando de temas como discriminação, gênero e exclusão, com situações conflituosas que podem surgir em aula durante as práticas esportivas causando esses conflitos esportivos, que podem ser utilizados para a construção de valores e superação com os alunos, os ajudando a perceber e lidar de maneira mais eficiente quando essas problemáticas surgirem em situações do dia a dia, fora ou dentro do ambiente escolar.

Pelo fato do ambiente escolar se tratar de uma versão menor de sociedade, uma situação comumente vista nesse ambiente é a exclusão de membros de certas atividades por um grupo ou outro, por este grupo enxergar que tal membro não atenda as habilidades ou características que sirvam ao seu propósito. Esses elementos podem ser tanto motivados por fatores motores, como não saber jogar futebol ou vôlei, quanto por fatores sociais, como maior timidez ou pouco comunicativo.

Exclusão: "... hoje realizamos as corridas para cegos com guias, porém alguns alunos não queriam realizar a prática com três ou quatro colegas específicos, talvez por uma questão de afinidade ou outra questão que não explicaram, para oportunizar a participação desses alunos eu optei por realizar a

prática em duplas com esses alunos, que se mostraram visualmente felizes em poder fazer a aula e ter essa experiência.” (Vivências, p.7, aula 5, parag.4)

Estas atitudes podem se manifestar de duas formas durante as aulas realizadas, causando afastamento ou abandono deste colega. Conforme afirma Mello (2018), há duas formas de exclusão que podem se manifestar: a direta e a indireta. A exclusão direta ocorre quando um aluno é deixado de lado por possuir menos habilidades para determinada prática e/ou por não haver afinidade dele com outros membros do grupo, enquanto a indireta permite que esses alunos participem da atividade, mas não o incluem diretamente durante a prática. As exclusões são uma forma mais simples de violência que pode causar frustração e revolta naquele que é excluído, podendo este acabar simplesmente abandonando a prática.

No caso que presenciei, esta exclusão causou um afastamento do aluno da aula, enquanto aqueles que foram os causadores da exclusão participaram sem problema algum da atividade. Percebi que, com o passar das aulas, esses episódios oscilavam sua intensidade, conforme os alunos aprendiam a se colocar no lugar dos seus colegas.

No que tange à conduta do aluno, o ‘Protagonismo’ se revelou como o lugar em que alguns não queriam estar e muitos não queriam sair, pelo fato de terem maior evidência ou destaque, seja qual fosse a situação. Então, esta subcategoria foi separada em três tópicos para demonstrar como este aspecto pode se manifestar e influenciar de maneiras diferentes cada aluno durante as aulas.

O primeiro tópico é a ‘Curiosidade’, pois através dela consegui esclarecer muitas questões relevantes apresentadas pelos alunos, como: “Por que a pista de atletismo possui largadas diferentes?”, “Como que um corredor cego corre sem medo de cair?” e “Como que um jogador cego sabe onde está a bola?”. Ao esclarecer essas dúvidas, as atividades propostas pareceram ter ficado mais interessantes para os alunos, pois percebia neles mais entusiasmo ao realizá-las.

“... durante a aula de hoje lhes expliquei como era a dinâmica durante uma corrida para cegos, e como o guia realizava seu papel de acompanhar o atleta, os alunos me questionaram a razão das largadas serem feitas em diferentes partes da pista, e lhes expliquei e demonstrei no quadro a diferença de distância até a chegada para quem larga nas raias centrais e raias laterais. Apesar de parecer algo óbvio para quem acompanha esportes de pista, para os alunos não fazia sentido, e eles/ ficaram muito surpresos com a explicação.” (Vivências, p. 8, aula 6, parágrafo. 4)

Miranda (2016) afirma que é por meio da educação na escola e fora dela que o aluno adquire conhecimentos que são cruzados e comparados ao longo de suas trajetórias de vida, fazendo com que o mesmo desenvolva a curiosidade de aprender mais, a reflexão e o interesse. Sendo assim, se empenha em conhecer mais o mundo à sua volta para explorar e desenvolver novas experiências.

Ainda sobre protagonismo, a 'Auto exposição' teve um papel importante para que esse protagonismo pudesse ocorrer, pois a cada aula realizada, eu percebia que alguns alunos evitavam realizar atividades que os deixassem em evidência diante de seus colegas, o que acabava por desestimulá-los a participar de determinadas atividades, mesmo com a realização de mudanças para incluí-los como: todos realizarem juntos, realizarem em trios ou até mesmo mudar uma regra para que ele não se sentisse intimidado pela complexidade da tarefa.

"... durante a aula de hoje foram realizadas corridas com os tapa olhos, onde eles se guiavam por um barbante estendido ao longo da quadra de futsal, mas algumas meninas ao perceberem a euforia dos seus colegas ao realizar as atividades, somado ao fato deles as apressarem, fez com que realizassem somente uma vez a atividade. Além disso, no momento de colocar as vendas nos olhos, não quiseram fazê-lo, pois estavam com medo de cair, e percebi que os olhares de seus colegas as intimidavam." (Vivências, aula 2, p. 3, parágrafos. 3)

O medo de se expor e a incapacidade de se comunicar de forma clara e não agressiva acabam por prejudicar esses alunos no seu aprendizado e desenvolvimento social.

[...]alunos que se expõem mais, apresentando comportamentos como questionar práticas docentes, falar em público e solicitar mudança de comportamento dos colegas, precisam aprender a fazê-lo de maneira assertiva, com maior probabilidade de expressar sentimentos e desejos de forma honesta e apropriada, sem transgredir o direito do outro. Além disso, são capazes de comportamentos como se adaptar à instituição escolar, adquirir novos conhecimentos, compreender o conteúdo ensinado[...]. (SOARES, 2017, p 6)

Para concluir o que diz respeito ao protagonismo do aluno, apresento um tópico que utilizei durante as aulas para que eles realizem a prática com um maior empenho, o qual foi a 'Capacidade de concentração', pois ficou claro que sempre que havia uma maior concentração deles nas aulas, eles tinham um bom entendimento do proposto, as atividades ocorriam quase sem problema algum de perda de foco.

No entanto, sua atenção era maior quando o tema conversado em aula trazia algo que era diferente daquilo que eles conheciam ou haviam ouvido falar.

“... na nossa aula de hoje, lhes expliquei como eram as regras das corridas em pista, as modalidades de corridas e os principais campeões, nas modalidades para deficientes e não deficientes. A maioria dos nomes citados não eram conhecidos, porém um era muito familiar, mas eles não foram capazes de identificar nas imagens quem era esse corredor, no caso Usain Bolt, mesmo a maioria dos alunos já tendo ouvido esse nome diversas vezes, não o conheciam e nem seus recordes, e ao ouvirem sobre seus recordes ficaram abismados com a velocidade que um corredor profissional pode chegar, a impressão que tenho é que isso os deixou desafiados a tentar correr tão rápido quanto ele.” (Vivências, aula 6, p. 9, parag. 12)

Como Giachini (2017) afirmou, para o adolescente obter o sucesso desportivo na escola ou fora dela é indispensável o desenvolvimento de características psicológicas, onde a concentração, se pouco desenvolvida, acarreta pouca obtenção de conhecimentos e êxito na aprendizagem.

Entendendo isso, me parece claro que por mais recursos que o professor disponibilize ou crie, ele não alcançará sempre a “excelência” no ensino ao seu aluno se este mesmo aluno não for capaz de concentrar-se nas aulas, sendo este fator individual.

Saindo da conduta participativa, entro no último item que apresentarei neste trabalho e ainda diz respeito a aprendizagem do aluno, sendo a ‘Capacidade de Aprendizagem’, pois ela acontece de maneiras diferentes para cada aluno, mas ainda assim passa por três tópicos: conhecimentos prévios, questionamentos e dúvidas, entendimento.

Acredito que todos os alunos que passam pela escola tragam consigo alguma bagagem de conhecimento adquirido de suas vivências, seja do contato com os professores, com seus familiares, da comunidade que está inserido e/ou das mídias e redes sociais. Entendo a importância desses conhecimentos prévios para que o aluno demonstre mais ou menos interesse por determinadas atividades, influenciados pelo seu entendimento de funcionamento do jogo ou brincadeira, como explica Miranda (2016).

“... O ensino fundamental desempenha importante papel na formação intelectual e de caráter da criança, porque é nessa fase que a mente da criança está em formação. Tal fator justifica a necessidade de ensinar utilizando exemplos do cotidiano dos alunos, para melhor serem

assimilados. Neste sentido, os familiares também devem fazer parte da formação da educação dos alunos por terem contatos muito próximos, participarem do cotidiano das crianças, além de serem exemplos a serem seguidos pelos mesmos.” (MIRANDA, 2016, p. 14)

A meu ver, a ausência de um conhecimento mais amplo de determinadas atividades causa uma falsa sensação de saber, isto acontece devido aos saberes previamente adquiridos não serem desenvolvidos em espaços que o aluno frequenta.

“... durante a aula de hoje, realizamos um jogo de vôlei sentado, como inúmeros alunos havia me informado que conheciam as regras do vôlei quando os questionei, iniciei diretamente o jogo na quadra, e como havia demarcado cada posição, pedi para que cada aluno se posicionasse onde se sentisse mais à vontade, ao longo do jogo percebi que eles não sabiam quais as posições deveriam assumir após cada perda ou ganho de bola, então comecei a orientá-los para onde seguir quando a bola trocava de posse!” (Vivências, aula 7, p. 9, parag. 3)

Percebendo a influência que os conhecimentos prévios causavam no desenvolvimento das práticas realizadas, na aula seguinte trabalhei aspectos teóricos com mais profundidade, o que originou o tópico ‘Questionamentos e Dúvidas’.

Através da experiência já vivenciada na aula anterior, os alunos se mostraram mais capazes de realizar questionamentos que estivessem realmente ligados ao jogo como: “se a bola bate na rede e passa, é de quem?”, e também tirarem suas dúvidas de modo a melhorar seu entendimento do jogo e de sua função em cada posição ocupada em quadra.

“... na aula de hoje, em razão da chuva, realizei com eles uma aula teórica sobre posicionamento e estratégias do jogo de vôlei. Como eles já haviam experimentado a prática ocupando os lugares em quadra, conseguiram entender melhor cada explicação passada, também questionaram coisas como: “Quem vai primeiro na bola?”, “Quem pode atacar?” e “Quem fica com a bola, se pega na rede e passa?”. (Vivências, aula 8, p. 11, parágrafo. 5)

O processo de aprendizado se torna mais atraente e interessante para o aluno, quando esse esclarece suas dúvidas, deixando a vista que foram capazes de compreender parte do que foi ensinado e avançar no conhecimento. Santos (2017), afirma que a prática, aliada aos conhecimentos teóricos, faz com que o aluno se motive e se envolva nos processos de ensino e aprendizagem com seus professores e colegas. Ao ser capaz de esclarecer suas dúvidas e experimentar na

prática os saberes ensinados em sala, o aluno é envolvido pelo desejo de aprendizado durante discussões e debates.

Para concluir o que diz respeito à capacidade de aprendizagem, entro no último tópico desse item, que se liga aos dois anteriores, sendo ele o 'Entendimento', que só se torna possível depois que os alunos passam a questionar e visualizar os resultados de suas práticas.

Durante as aulas em que eu lhes dizia o que fazer, eles simplesmente tentavam reproduzir gestos, alguns até mesmo sem sentido. Quando eu somente explicava o que precisava ser feito, eles não se mostravam capazes de mentalizar as ações. Na prática, quando era oportunizado que eles fizessem diferente do habitual, resultava em um aprendizado mais sólido e o ganho da autonomia.

Segundo Zerbato (2018), a utilização dos mesmos métodos de ensino não permite a aprendizagem de todos, mas quando utilizamos as mesmas atividades de formas diferentes, estas podem resultar no entendimento para aquele aluno que tinha dificuldade para aprender e até ajudar para que outros alunos entendam melhor um determinado assunto.

A seguir, apresento um trecho em que os alunos, através de suas trocas e reflexões, foram capazes de assimilar e associar os conteúdos de aula, que nem sempre ficavam bem compreendidos.

“Hoje realizei minha última aula com eles, e como estávamos encerrando, optei por deixá-los escolher a atividade que gostariam de realizar, com a condição de que todos participassem, inclusive eu, que transitava entre um jogo e outro. Os meninos jogaram futebol e as meninas vôlei, porém durante o jogo de vôlei das meninas elas começaram a cobrar as regras e o que poderia ou não ser feito, me apresentando situações ocorridas como: ‘A bola que bate na rede e volta, é ponto do adversário e a posse da bola deve mudar!’”, então lhes expliquei que as regras estavam corretas, porém seria decisão delas realizar um jogo de maneira a cumprir as regras formais ou adaptá-las, e elas optaram por usarem as que lhes fossem mais interessantes.”(Vivências, aula12,p.14)

Em relação à aprendizagem de conteúdo, esta se mostrou muito mais profunda do que poderia ser, pois não passa somente pela maneira como o aluno realiza as aulas ou pelo conteúdo que é ensinado. Antes, se divide em diversas camadas que vão desde a autoexposição e capacidade de concentração até a curiosidades e protagonismo. Todas essas camadas interferem diretamente na maneira como o aluno/a poderá aprender o que lhe for exposto.

É de suma importância manter esse olhar atento periodicamente para alguns desses itens, para que o professor entregue ao seu aluno conteúdos com maior chance de êxito de aprendizado e internalização, bem como para que este aluno evolua a cada novo conteúdo ensinado.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho procurei expor a relação que se criou no decorrer das aulas de educação física, sobre a perspectiva de dois olhares: a “Prática Pedagógica”, que visou apresentar os conteúdos e o modo de executá-los; e “Aprendizagens de conhecimento”, que trazia em suas raízes situações que não eram previamente pensadas, porém, tiveram papel fundamental no decorrer das aulas, como, por exemplo, a união e o protagonismo, entre outros.

Esses aspectos, mesmo que tenham sido analisados separadamente, não poderiam existir sem a presença do outro, pois as aulas ministradas se somaram umas às outras e demonstraram como os detalhes de cada tópico encaixavam um no outro, por exemplo, o protagonismo, que estava dentro da conduta participativa, se apresentava a todo momento quando se falava em atitudes comportamentais.

Então, mesmo que a análise de cada item tenha sido feita separadamente e justificada com autores diferentes, muitos itens de tópicos diferentes estavam presentes de alguma maneira em outro contexto visto.

As práticas experimentadas pelos alunos se mostraram muito desafiadoras e, em alguns momentos, pareciam ineficazes, entretanto, ao olhar atentamente para cada um deles, era possível perceber que algo estava sendo absorvido e processado. Mesmo que no momento de aula as aprendizagens não ficassem evidentes, posteriormente algum aspecto era lembrado, como que as pessoas são diferentes e de que as diferenças devem ser respeitadas, como disse uma aluna em um dado momento das aulas.

Assim, considero que os jogos adaptados como conteúdo de ensino de valores e comportamentos foram uma boa escolha para alcançar os objetivos que havia me proposto ao iniciar as aulas.

Ao final do estágio pude observar alunos conversando e decidindo juntos qual atitudes e regras adotar nos jogos que fariam ao invés de simplesmente gritarem ou deixarem de participar, isto mostra que parte de muitas conversas que tivemos sobre dialogar e apresentar seus pontos de vista ficou como aprendizado.

De todo o processo vivido ao longo dessas onze aulas, os ensinamentos que ficaram para minha vida de futuro professor são os que dizem respeito a se cercar de conhecimentos que auxiliem no desenvolver das aulas, habilitando-me a perceber situações que necessitam de intervenção e replanejamento para o desenvolvimento de aprendizagens significativas para os alunos.

Entender que a escola representa a sociedade em uma escala menor, em que temos aqueles que aplicam as regras, bem como os que colaboram e participam para que a mesma funcione da melhor maneira. Esses, que auxiliam os professores, são os alunos que ali estão, às vezes mais e outras vezes menos dispostos, mas sempre com um olhar atento e ouvidos abertos para o que é apresentado. É isso que nos motiva a sermos os melhores possíveis ao exercer nosso papel de professor.

REFERÊNCIAS

ANTICO, Suellen; SILVA, José Ricardo. A dimensão atitudinal no rugby frente à violência escolar. **Revista Saber Acadêmico**, Cabedelo, n. 25, p. 21-29, 2018. Disponível em:

<https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20181113151713.pdf>. Acesso em: dez. 2023.

ARAÚJO, Zaira Arthemisa Mesquita et al. Inclusão e as possibilidades pedagógicas dos Esportes Adaptados nas aulas de educação física escolar. **Educação Profissional e tecnológica: teorias, práticas, desafios, reflexões e tendências**. v. 1, n. 1, p. 84-96, 2022.

BARDIN (2016), <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em dez. 2023.

BATISTA, Cleyton; MOURA, Diego Luz. Princípios metodológicos para o ensino da educação física escolar: o início de um consenso. **Journal of Physical Education**, v. 30, 2019.

<https://www.scielo.br/j/jpe/a/xZSHf6H398j4m34Tfm4gpSK/?lang=pt>. Acesso em: jan. 2024.

BEZERRA, Alex Fabiano Santos. **Estratégias para o ensino inclusivo de alunos com deficiência nas aulas de educação física**. 2010. 109 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010.

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do ensino de educação física**. Cortez Editora, 2014. Acesso em dez. 2023.

DE FIGUEIRÊDO, Alessandra A. F.; DE QUEIROZ, T. N. **A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo**. 2012. Disponível em:

(https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384186533_ARQUIVO_AlessandraAniceto.pdf). Acesso em: dez. 2023.

GAYA, Adroaldo et al. Projetos de pesquisa científica e pedagógica. **O desafio da iniciação científica**, v. 1, 2016.

GIACHINI, Felipe Achilles. A influência do xadrez no desenvolvimento da capacidade de concentração em alunos da 6ª série do ensino fundamental. 2017. https://xadreznobre.com.br/wa_files/monografia_20felipe.pdf. Acesso em: dez. 2023.

MACHADO, A. A.; KOCIAN, R. C.; KOCIAN, W. E.. Aspectos psicológicos positivos e negativos uma concentração esportiva: visão dos atletas. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 1, n. 89, p. 39, 2005.

MELLO, T. L.; CAMPOS, D. A. de. Situações de Violência nas aulas de Educação Física e a prática pedagógica do professor. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 4, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i4.48285. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/48285>. Acesso em: dez. 2023.

MENDES, Rui et al. Observação como instrumento no processo de avaliação em Educação Física. **Exedra: Revista Científica**, Coimbra, n. 6, p. 57-70, 2012.

Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3936668>. Acesso em: dez. 2023.

MIRANDA, Liliâne de Jesus Nascimento; SCHIER, Dirlei Afonso. A influência do ensino de história na educação infantil e formação do aluno. **Educação em Foco, Edição nº**, v. 8, p. 24-40, 2016. https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/003_influencia_historia_educ_infantil.pdf.

Acesso em: dez. 2023.

MOREIRA, W. W.; SCAGLIA, A. J.; CAMPOS, M. V. S. de. Corporeidade e motricidade na pedagogia do esporte: conhecimento e atitude indispensáveis para o ensino fundamental. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, São Carlos, v.1, n.1, p.42–51, 2017.

Disponível em:

<https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2017> Acesso em: dez. 2023.

MULINARI, Filício; NETO, Mauro Fontoura Borges. A Experiência inclusiva por meio da prática de esportes adaptados: uma proposta pedagógica para Educação Física. **Humanidades & Inovação, Espírito Santo**, v. 9, n. 8, p. 310-322, 2022.

Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2309>.

Acesso em: nov. 2023.

Resolução CNE/CP n.º 2, de 19 de fevereiro de 2002:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=159251-rcp002-02&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: dez. 2023.

SOARES, Adriana Benevides et al. O impacto dos comportamentos sociais acadêmicos nas habilidades sociais de estudantes. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 69-80, 2017. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v10n1/08.pdf>. Acesso em: dez. 2023.

SANTOS, Diego Marlon; NAGASHIMA, Lucila Akiko. Potencialidades das atividades experimentais no ensino de química. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 8, n. 3, p. 94-108, 2017. Disponível em:

<https://revistapos.cruzeirosul.edu.br/rencima/article/view/1081/898>. Acesso em: dez. 2023.

STRAPASSON, Aline Miranda; CARNIEL, Franciele. A educação física na educação especial. **Revista Digital, Buenos Aires, ano**, v. 11, p. 1-17, 2007.

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCA CAO_FISICA/artigos/EdF_Ed_Especial.pdf. Acesso em: jan. 2024.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Educação Unisinos**, v. 22, n. 2, p. 147-155, 2018.
<https://www.redalyc.org/journal/4496/449657611004/449657611004.pdf>. Acesso em: dez. 2023.